

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NO LIVRO CHAPADÃO DO BUGRE E DA IDENTIDADE DE SEU PERSONAGEM PRINCIPAL, JOSÉ DE ARIMATÉIA

BÁRBARA RODRIGUES PEREIRA MARRA¹
OZIRIS BORGES FILHO²

RESUMO: Este artigo faz uma análise da obra “Chapadão do Bugre” de Mário Palmério, abordando a construção do espaço na obra, com base no conceito de Topoanálise, de Borges Filho (2007), uma vez que o romance tem uma construção narrativa marcadamente espacial, observando os efeitos de sentido produzidos pelo espaço e sua importância na construção da narrativa e da identidade de José de Arimatéia, personagem principal da história, cujo nome bíblico inspira interpretações sobre sua origem, caráter, personalidade e identidade.

Palavras-chave: Identidade; Espaço literário; Mário Palmério.

ABSTRACT: This article analyzes the book “Chapadão do Bugre” by Mário Palmério, addressing the construction of space in the work, based on the concept of Topoanalysis, by Borges Filho (2007), since the novel has a markedly spatial narrative construction, observing the effects of meaning produced by space and its importance in the construction of the narrative and identity of José de Arimatéia, the main character of the story, whose biblical name inspires interpretations about its origin, character, personality and identity.

Keywords: Identity; Literary space; Mário Palmério.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar o espaço na obra literária **Chapadão do Bugre**, de Mário Palmério, publicada no ano de 1965. A metodologia a ser utilizada será a da Topoanálise baseada principalmente nas ideias de Borges Filho (2007), Bachelard (1989) e outros teóricos da literatura e do espaço literário. A metodologia e o embasamento teórico possibilitarão a análise do papel do espaço literário na construção da trama e da identidade dos personagens. Reconhecendo, de acordo com Borges Filho (2007), como o tempo tem sido muito mais estudado que o espaço, dentro da filosofia e da literatura.

- 1- Mestranda em Estudos da Linguagem na UFG, Campus de Catalão. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Cidade de Coromandel (FCC). Endereço: Av. Municipal, 51 - Centro, Coromandel/MG 38550-000 - E-mail: barbaramarra@yahoo.com.br Telefone: (34) 9 9906-0006
- 2- Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem na UFG, Campus de Catalão. Endereço: Rua Balduino Batista, 118 – Uberaba/MG 38065-030 - E-mail: oziris@oziris.pro.br Telefone: (34) 9-9265-0112

Em termos filosóficos e científicos é fácil verificar a importância dada às reflexões sobre o tempo. Por outro lado, observa-se quão pouco, proporcionalmente ao tempo, o espaço foi explorado. No âmbito dos estudos literários, tal realidade não é diferente. (BORGES FILHO, 2007, p. 4-5).

Qualquer pesquisador atento percebe que esta afirmação procede, por outro lado, percebemos que vale a pena tentarmos sanar essa discrepância dando nossa contribuição nesse aspecto. E para fazer essa análise espacial de uma obra literária vamos utilizar os conceitos de espaço, lugar, paisagem e território (BORGES FILHO, 2007). Dentro de uma obra literária, o espaço pode ter funções de caracterizar e influenciar os personagens, de propiciar ações, antecipar a narrativa, estabelecer contrastes, representar sentimentos, segmentar o texto (BORGES FILHO, 2007) e a todos esses efeitos de sentido o topoanalista precisa estar atento.

Bachelard (1989) é um dos autores que explana sobre a Topoanálise e sobre a importância do espaço para as memórias e lembranças “É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas.” (BACHELARD, 1989, p. 29). Esta passagem justifica o poder psicológico e simbólico dos espaços na nossa memória, que no campo da literatura não é diferente.

Baseado na ideia de Lins (1976) reafirmamos a importância da descrição do espaço literário na promoção das sensações e na ambientação do leitor ao romance:

Não deve o estudioso do espaço, na obra de ficção, ater-se apenas à sua visualidade, mas observar em que proporção os demais sentidos interferem. Quaisquer que sejam os seus limites, um lugar tende a adquirir em nosso espírito mais corpo na medida em que evoca sensações. (LINS, 1976, p. 84).

O autor, ainda, denomina *ambientação* como “[...] o interesse dos recursos literários para estabelecer nas histórias, o espaço.” (LINS, 1976, p. 79) e explana sobre os recursos para introduzir o cenário sem comprometer o desenrolar da história.

Para analisar a identidade do personagem principal, José de Arimatéia, utilizamos os conceitos abordados pelos teóricos: Tomachevski (1976), Woodward (2014) e autores que abordam a literatura e a identidade do homem do sertão. Ademais, traçamos um paralelo das características do personagem bíblico homônimo do personagem principal, fazendo uma análise comparativa, investigando possíveis semelhanças e diferenças entre eles.

2 O ESPAÇO NA OBRA CHAPADÃO DO BUGRE

O livro **Chapadão do Bugre** de Mário Palmério, escolhido para a análise se passa em uma região do sertão de Minas Gerais e, como bem explana Martins (2013) ao analisar o estudo teórico de Saint-Hilaire (1975), o sertão pode ser visto como um território vazio, grande, solitário, também como uma região que tanto pode ser o paraíso ou inferno imposto pela natureza, lugar de aventura, coragem e violência, religião e superstições. “O sertão, é, então, o interior desabitado, distante do litoral e dos centros urbanos.” (MARTINS, 2013, p. 69). Dois dos lugares principais do romance são: a fazenda Capão do Cedro e a cidade de Santana do Boqueirão. Para Certeau (2003, p. 216) “[...] todo poder é toponímico e instaura a sua ordem de lugares dando nomes [...]” (*apud* BORGES FILHO, 2007, p. 28). Os topônimos estabelecem relações com o espaço, seja de semelhança, contraste ou indiferença.

No âmbito da análise literária e, mais especificamente da topoanálise, toponímia significa o estudo dos nomes, próprios ou não, dos espaços que aparecem no texto literário. Inúmeras vezes o narrador usa esse processo para caracterizar o espaço e, por extensão, a personagem que nele atua. (BORGES FILHO, 2007, p. 148-149).

O primeiro espaço importante do texto, Capão do Cedro, é uma região rural e mais rústica, onde primeiro se instalou o personagem José de Arimatéia. Era uma área completamente dominada pelo “Seu Tonho Inácio”, que herdou a terra de seus descendentes e sua fazenda é a mais importante da região, desse modo, era ele também o homem mais poderoso.

Seu Tonho Inácio descendia desses antigos da Mata, e a fazenda que conservava – Capão do Cedro – era, por assim dizer, a gema do Vale (do Araraúna). A casa da sede situava-se bem na forquilha de duas cabeceiras de muita água, no sopé que circundava a baixada; já dali, continuando o pomar, subiam as ruas bem carpidas e sempre verdes do cafezal. As lavouras de cana e invernadas, essas ocupavam o plano restante – frescas e muitas léguas de beira-rio. (PALMÉRIO, 2006, p. 23).

A descrição do espaço rural mostra o status de seu proprietário. Segundo o **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Aurélio**, um capão é pequeno bosque, uma “[...] porção de mato isolado no meio do campo [...]” (FERREIRA, 2011, p. 178), Cedro é um nome comum de diversas árvores coníferas, grandes e frondosas, boa para sombra e descanso, também muito usada na carpintaria. A descrição do primeiro lugar que José de Arimatéia sonha em se estabelecer nos remete a um lugar de aconchego, *locus amoenus*, onde se desfruta do que a

Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.131-142 /2021

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NO LIVRO CHAPADÃO DO BUGRE

natureza tem de bom, esse espaço dialoga também com a inocência do protagonista, que nesse cenário bucólico ainda acredita em uma vida simples, na noiva apaixonada, no coronel mais poderoso da região como seu patrão e amigo. Assim como temos um espaço de bosque, rio e árvore frondosa, temos também um protagonista, pacato, sensato, tranquilo e ingênuo.

Viver na “gema do Vale”, mostra que este era o melhor lugar da região, próximo à água, região plana com pomar, verde e ruas capinadas e limpas. Elementos que valorizam a região rural. Impossível pensar em coronéis e em ocupações de terra sem pensar no conceito de território, que, de acordo com Borges Filho (2007), está diretamente ligado ao conceito de poder e nos possibilita analisar as relações de poder em uma obra literária. “Território é o espaço dominado por algum tipo de poder, é o espaço focado do ponto de vista político ou da relação de dominação-apropriação.” (BORGES FILHO, 2007, p. 22).

Um segundo espaço importante retratado no texto é o município de Santana do Boqueirão, o nome Santana é uma clara referência à avó de Jesus, santa Ana, é também o nome de uma planta orquídea. Boqueirão, de acordo com o **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Aurélio**, uma abertura em costa de rio, como se fosse uma grande boca (FERREIRA, 2011). Já nesse segundo espaço temos uma região mais perigosa, uma “bocarra” em que muitos criminosos encontram esconderijo, aqui não mais vemos a serenidade do espaço natural, mas prédios, cimento, a dureza do espaço cultural, construído pelo homem, com seus pecados e maldades. Aqui também já não vemos mais um protagonista inocente, mas um criminoso como tantos outros da região.

Dessa forma, vemos que, tanto num espaço quanto no outro, a relação entre personagem e lugar é de identidade. Um reflete o outro e vice-versa.

Santana do Boqueirão, essa cidade para a qual José de Arimatéia foge depois do assassinato, por ser uma cidade conhecida pelo desrespeito à lei, também se tornou local de asilo e esconderijo para criminosos, normalmente com o aval e a proteção dos coronéis que se beneficiavam dessa gente na prestação de serviços que atendiam a seus mais diversos interesses pessoais e profissionais. José de Arimatéia consegue emprego e proteção do coronel Americão, passa a viver em Santana do Boqueirão de forma discreta e pacata. Santana do Boqueirão já era uma cidade, com uma estrutura muito mais desenvolvida que Capão do Cedro, como mostra a passagem a seguir:

Os forasteiros que chegavam, atraídos pela fama de Santana do Boqueirão, concordavam de pronto em que a cidade realmente a merecia. A começar pela praça principal, o Largo das Mercês: as palmeiras quase que tão altas como a torre nova da

Matriz, os cobradores da Câmara e do Fórum – os mais sobrados e palacetes das famílias abastadas do lugar. (PALMÉRIO, 2006, p. 155).

Embora Santana do Boqueirão já fosse uma cidade, e não mais zona rural, e já apresentasse importantes sinais de prosperidade como Matriz, a Câmara e o Fórum, ainda mantinha o coronelismo¹ típico das regiões rurais do interior. Também eram “livres” toda sorte de ilegalidades e obscenidades de uma região em que não há quem freie ou fiscalize e em que os verdadeiros responsáveis pela ordem da local são os principais interessados nos lucros dos negócios ali realizados.

Em Santana do Boqueirão, não preciso lhes dizer: é chalé de bicho por todo canto, dois cabarés com roleta e outras roubaheiras funcionando às barbas das autoridades – sim senhores, em pleno Largo das Mercês, em frente ao fórum! – pensão-de-mulher se abrindo uma atrás de outra. (PALMÉRIO, 2006, p. 163).

Capão do Cedro é o local onde primeiro chega José de Arimatéia, procurando trabalho. Lá encontra não apenas trabalho, mas também apoio e uma promessa de casamento, mas uma traição e um assassinato farão com que ele tenha que fugir e cruzar toda a Mata dos Mineiros até se instalar na promissora Santana do Boqueirão. As descrições mostram que este é um romance politópico, já que a narrativa se passa em diversos espaços diferentes, mostram também o contraste entre os espaços das duas cidades principais do romance, enquanto um mais rústico, outro mais desenvolvido. Ambos distantes da modernidade, das tecnologias, indústrias e dos grandes centros do Brasil. Outros espaços de destaque no romance são as pequenas comunidades rurais do Chapadão, caminho comum para os cavaleiros que, pelos mais diversos motivos, precisam se deslocar, descansar e se alimentar nas casas, estúbulos e debaixo das árvores do caminho. Esses serão, portanto, os principais espaços analisados na obra.

A obra **Chapadão do Bugre** do autor Mário Palmério tem papel fundamental na literatura regional brasileira e é ainda pouco explorada no meio acadêmico. Seu espaço literário, embora ficcional, merece destaque pela importância na preservação da memória cultural do país pelo retrato naturalista de um período pré-industrial, em que homens

¹ De acordo com Victor Nunes Leal, jurista brasileiro e criador do termo Coronelismo, com a universalização do voto no Brasil as elites precisavam convencer os menos favorecidos a darem seu voto de modo a mantê-los no poder, para tanto, ofereciam favores diversos ou até mesmo ameaças (voto de cabresto) para que todos votassem no coronel ou no candidato escolhido por ele (LEAL, 2012).

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NO LIVRO CHAPADÃO DO BUGRE

construíam seus espaços com a força do braço, com transporte animal e usufruindo da natureza ou sofrendo com as dificuldades impostas por ela, isolados dos grandes centros urbanos já existentes no Brasil. O romance se desenrola de forma lenta, com pouca ação, produzindo a sensação de lentidão típica dos tempos e lugares em que as notícias e acontecimentos ainda chegavam a cavalo. Rotina de prosa, café, muito trabalho e pouca informação para evitar fofoca. “João da Preta não insistiu, que conhecia de sobejo José de Arimatéia: bom de coração e convivência, mas homem de prosa reduzida, reservado por demais.” (PALMÉRIO, 2006, p. 16). O clímax da história e da vida de José de Arimatéia se dá na ocasião do assassinato de Seu Inacinho, depois, quase todo o tempo da vida do protagonista acontece numa fuga no lombo de sua mula, vivendo escondido e de maneira discreta, evitando ser reconhecido e sem conseguir novamente se reestabelecer no amor ou no casamento. Os personagens representam homens que “fazem justiça com as próprias mãos”, que “lavam a honra com sangue”, os jagunços, o voto de cabresto e tantas arbitrariedades que por décadas foram realidade nos confins do país.

O romance foi inspirado em uma misteriosa chacina ocorrida na cidade de Passos, Minas Gerais, no início do século XX. O romance narra a trajetória do dentista ambulante José de Arimatéia, que parece ter encontrado na fazenda de Capão do Cedro um lugar para viver, com o apoio do poderoso Tonho Inácio e ao lado de Maria do Carmo.

As relações de poder se formam em seus territórios, cada lugar não é apenas um espaço geográfico, mas também, um espaço político ligado ao poder. Nesse sentido, sendo José de Arimatéia um homem “sem lugar”, errante, sem território, torna-se um homem fraco, sem conquistas, à deriva, à espera de acolhimento no espaço de outrem.

Depois que seu Joaquinção morreu, começara outra vida: candeeiro, boieiro de lavoura, capinador de enxada. Largado hoje aqui, largado ali amanhã, corrido a mór parte das vezes da maldade dos mais grandes. (PALMÉRIO, 2006, p. 29).

E a construção espacial de Mário Palmério no romance reafirma essa relação de território e poder. Em cada local existe um coronel, um líder, dono de quase tudo, não apenas de grande parte do território espacial, mas também das leis e costumes do local.

O livro **Chapadão do Bugre** é dividido em “quadros”, nomeados da seguinte forma e nesta ordem pelo próprio autor: “Cavaleiro e Montada” (1º quadro), “Mata dos Mineiros” (1º quadro), “Santana do Boqueirão” (1º quadro), “Cavaleiro e Montada” (2º quadro), “Santana do Boqueirão” (2º quadro) e “Cavaleiro e Montada” (3º quadro), os nomes dos

quadros fazem uma relação com os espaços rurais e com a ideia de deslocamento, errância e de um caminho cíclico, de ida e volta. Nos três quadros “Cavaleiro e Montada” José de Arimatéia está sozinho com a mula Camurça, errante pelo sertão, em momentos diferentes de sua história, e, no último quadro, está justamente no fim dela. Em “Mata dos Mineiros”, quadro único, conhecemos o início da vida errante e da desilusão de José de Arimatéia, incidente que motivou toda sua trajetória de anti-herói. Santana do Boqueirão aparece em dois quadros, em momentos diferentes da história, o primeiro nos apresenta uma cidade sem lei, dominada por coronéis, casas de jogos e prostituição e, no segundo quadro, a tentativa do estado e da justiça de tomada do poder da região à custa de muito sangue.

O percurso espacial de José de Arimatéia se dá por toda “Zona do Bugre”, região de terra chapada, um aglomerado de pequenas cidades, rodeada de fazendas, sendo a cidade de Santana do Boqueirão a mais próspera de todas, obviamente, com os coronéis mais poderosos. Assim como Seu Tonho Inácio era o coronel na região de Capão do Cedro, quem comandava a cidade de Santana do Boqueirão era Américo Barbosa e outros coronéis, que estavam acima da lei.

Em Santana do Boqueirão mandavam os Barbosas – família de tronco muito antigo, descendente do major Eustórgio, desbravador do Sertão do Bugre e fundador da cidade. Gente numerosa e de ricas posses, seu orgulho maior era, entretanto, o de não terem ainda perdido, em tempo algum, o domínio do lugar – tampouco a influência nas cidades vizinhas, resultado do difundido parentesco com as outras grandes famílias da região. (PALMÉRIO, 2006, p. 156).

A história do Brasil se confunde com a das grandes e numerosas famílias que, unindo seus filhos em casamentos e ocupando territórios ainda sem dono foram aumentando suas fortunas e assumindo a liderança de espaços ermos onde a lei e os governantes ainda não conseguiam exercer algum domínio. A história de Santana do Boqueirão se parece com a história de muitos dos municípios do interior do país e da história dos Barbosas com a dos coronéis. No romance, os Barbosas mandavam na cidade e na região e apenas começaram a ver sua hegemonia em cheque quando o estado começou a tentar tomar o poder, de modo a tentar colocar ordem na região.

A extrema violência é característica de toda região sertaneja, geralmente se manifesta em favor de uma elite minoritária, em que “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, com um polícia pouco ou nada atuante, o voto de todos é facilmente garantido sob pressão e medo dos menos favorecidos.

[...] o sertão é concebido como um espaço fora do alcance do braço da lei, o que dava lugar a diferentes formas de brutalidade, quer perpetradas por valentões ou por bandos de marginais que zombam da polícia, quer por fazendeiros que, com seus exércitos particulares, assumiam as funções que deveriam caber à autoridade central.” (Martins, 2013, p. 62).

A passagem retrata a realidade das localidades citadas no **Chapadão do Bugre**, pouco se fala no livro em justiça da lei, quase todo tempo os homens se organizam para promover sua própria “justiça”, que, muitas vezes, de justa não tem nada. O que vemos é a dominação dos fracos pelos fortes, a conquista de territórios cada vez maiores dos que já têm propriedades e poder, seja através de união de famílias, de brigas entre regiões confrontantes e divisas em territórios. A lei não é baseada no bem comum, mas na vontade pessoal e arbitrária do mais forte e poderoso

3 A IDENTIDADE E A ERRÂNCIA DE JOSÉ DE ARIMATÉIA

José de Arimatéia é o fio que liga todos esses espaços, um personagem politópico, errante, que, sem ter lugar definido, circula por diversas regiões da Mata dos Mineiros, “[...] sozinho com Camurça, a caminhar no escuro e no silêncio.” (PALMERIO, 2006, p. 20).

O personagem principal da história é errante e vive acompanhado de sua mula Camurça, era chamada pelos outros de “[...] besta douradilha [...]” (PALMERIO, 2006, p. 111) por sua coloração marrom dourado. O nome que traz a ideia de aconchego, conforto, maciez, mas não havia sido sempre assim. “Que diferença a Camurça daqueles outros tempos! – pensava José de Arimatéia, ao sentir o passo largo da besta pelo carreiro pedregoso dos primeiros lançantes da serra. Uma toada só, no plaino e na subida!” (PALMÉRIO, 2006, p. 19-20).

Camurça era motivo de orgulho para José de Arimatéia, as pessoas o admiravam por ter conseguido adestrar animal que para todos, a princípio, parecia muito rebelde.

Camurça fizera mesmo um bonitão, ali no curral-de-grama da fazenda, na hora de receber, pela primeira vez, arreio e cavaleiro. Valente que só ela, se entregara, mas somente quando a espuma da boca virara em sangue, e a pobre não podia mais parar em pé de tão estrompada. (PALMERIO, 2006, p. 25).

Com o tempo e os adestramentos se tornou um animal calmo, de marcha macia, a única companheira verdadeira de José de Arimatéia.

O personagem principal foi criado por dois senhores, Seu Joaquinão Carapina e Seu Sinésio, dois homens que não se falavam e comunicavam por sinais apenas sobre o menino, deste modo o protagonista sequer sabia o nome de seus pais e, com a morte desses dois senhores, teve que seguir sozinho pelo mundo. O completo desconhecimento de sua origem nos leva à tentativa de deduzir, por exemplo, sua possível origem católica, não apenas por ser a maioria esmagadora dos brasileiros da época, mas também pela escolha de seu nome, José de Arimatéia.

José de Arimatéia é um personagem bíblico presente nos quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João, nas quatro versões a história é igual, contada de forma diferente, todas mostram José de Arimatéia como homem judeu e rico, seguidor de Jesus Cristo e pessoa fundamental na trajetória bíblica da morte e ressurreição de Cristo. Depois de Jesus ser julgado, crucificado e morto, José de Arimatéia pede autorização a Pilatos para sepultar o corpo de Cristo em suas terras. “E José, tomando o corpo, envolveu-o num pano limpo de linho e o depositou no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e, rolando uma grande pedra para a entrada do sepulcro, se retirou.” (BÍBLIA, Mateus, 1999, p. 37). O trecho do Evangelho segundo Mateus mostra a devoção de José de Arimatéia, não apenas por se preocupar em retirar o corpo físico de Cristo da cruz, mas por ter o cuidado de envolvê-lo em pano limpo e guardá-lo em local seguro em sua própria propriedade.

Em Marcos, a história é novamente contada, em outras palavras.

Ao cair da tarde, por ser o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado, vindo José de Arimatéia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, dirigiu-se resolutamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Mas Pilatos admirou-se de que ele já tivesse morrido. E, tendo chamado o centurião, perguntou-lhe se havia muito que morrera. Após certificar-se, pela informação do comandante, cedeu o corpo a José. Este, baixando o corpo da cruz, envolveu-o em um lençol que comprara e o depositou em um túmulo que tinha sido aberto numa rocha; e rolou uma pedra para a entrada do túmulo. (BÍBLIA, Marcos, 1999, p. 60).

Em Lucas, a mesma história é contada, este evangelho ainda afirma “E eis que certo homem, chamado José, membro do Sinédrio, homem bom e justo (que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros), natural de Arimatéia, cidade dos judeus, e que esperava o reino de Deus [...]” (BÍBLIA, Lucas, 1999, p. 97). O último evangelho, o de João, narra trecho semelhante, com o sepultamento de Jesus sendo feito por José de Arimatéia, em seu território, corpo envolto em lençóis limpos e aromas de mirra e aloés, como era costume dos judeus da época (BÍBLIA, João, 1999).

O José de Arimatéia da Bíblia era um homem rico e de posses, tinha propriedades e alto cargo, era um homem corajoso e devoto, que esteve presente no momento em que todos os seguidores de Cristo já haviam fugido. O José de Arimatéia do **Chapadão do Bugre**, ao contrário, era homem sem propriedades, sem posses, sem bens, também sem nenhuma devoção, embora seu nome possa ter sido escolhido por sua origem católica, nada em suas ações e rotina leva a crer que tenha sido um homem católico e devoto. Nos momentos de maior medo, prefere conversar com sua mula que fazer uma oração, não frequenta igrejas e capelas dos lugares por onde passa, não pratica ensinamentos de Cristo como o perdão, nem parece carregar algum símbolo católico como santos, terços ou algo que o valha. Embora possa ter tido seu nome escolhido por inspiração bíblica de coragem e fé, em nada sua formação e criação o levou a seguir tais preceitos.

Entretanto, existem semelhanças que podemos perceber entre os dois personagens: obstinação e coragem. Ambos parecem seguir trajetórias que em nada se assemelham à grande maioria da população, têm rumos solitários, decisões particulares e opiniões bem definidas, parecem insistir no “sim” quando o mundo todo diz “não”, numa espécie de teimosia insistente e solitária.

A designação de um herói por um nome próprio é o elemento mais simples da característica. As formas elementares de narração satisfazem-se por vezes com a simples atribuição de um nome ao herói, sem nenhuma outra característica (herói abstrato) que o relaciona às ações necessárias ao desenrolar da fábula. As construções mais complexas exigem que os atos dos heróis decorram de uma certa unidade psicológica, que eles sejam psicologicamente prováveis para este personagem (motivação psicológica dos atos). Neste caso, atribuem-se ao herói certos traços de caráter. (TOMACHEVSKI, 1976, p. 193).

Tomachevski (1976) nos fornece o embasamento teórico fundamental para crer que a escolha do nome do herói não foi ocasional, mas buscou, de fato, fazer uma relação com um dos nomes mais importantes da história do cristianismo.

O José de Arimatéia do **Chapadão do Bugre**, depois de se ver sem os dois homens que o criaram, teve que buscar formas de sobreviver: “Depois que seu Joaquinção morreu, começara outra vida: candeeiro, boiadeiro de lavoura, capinador de enxada. Largado hoje aqui, largado ali amanhã, corrido a mor parte das vezes da maldade dos mais grandes.” (PALMERIO, 2006, p. 29). Nessas andanças, chega a Capão do Cedro, do Seu Tonho Inácio, começa a atuar como dentista-ambulante, tem Maria do Carmo como prometida e parece finalmente ter encontrado seu espaço. “Caminhava e pensava, mas já de tensão feita: ia

mesmo parar por ali, de cabeça assentada na fazenda, Casava-se com Maria do Carmo, punha fim naquela vida de judeu-errante, sem futuro – hoje aqui e amanhã sabe Deus aonde – acabava de vez com tal desassossego.” (PALMERIO, 2006, p. 33). Nesse trecho podemos fazer mais uma breve relação entre os dois Josés de Arimatéia, já que o devoto de Jesus Cristo, tantas vezes mostrado na Bíblia, era também um judeu, mas que buscava sua salvação em Cristo e não mais no que pregavam os judeus da época.

Identidade e espaço estão fortemente ligados já que cada região possui seus costumes, tradições, culturas que formam a identidade de um povo.

Os indivíduos vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, que constituem aquilo que Pierre Bourdieu chama de “campos sociais”, tais como as famílias, os grupos de colegas, as instituições educacionais, os grupos de trabalho ou partidos políticos. Nós participamos dessas instituições ou “campos sociais” exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos. Por exemplo, a casa é o espaço no qual muitas pessoas vivem suas identidades familiares. (WOODWARD, 2014, p. 30).

Ainda segundo Kathryn Woodward (2014, p. 22) “A migração produz identidades plurais [...]” Desse modo, tanto José de Arimatéia bíblico coloca à prova sua identidade de judeu quando questiona ensinamentos milenares do povo judeu para seguir a Cristo, quando José de Arimatéia de Mario Palmério quando chega em novos territórios e precisa encontrar uma forma de se estabelecer, de fixar território, construir a vida em um espaço seu. O ser errante, sem endereço fixo, torna sua identidade mais fluida, absorvendo costumes, tradições, ensinamentos dos lugares por que passa.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Ed. rev. e Atual. no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 37. Cap. 27, vers. 89-60.

BÍBLIA, N. T. Marcos. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Ed. rev. e Atual. no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 60. Cap. 15, vers. 42-46.

BÍBLIA, N. T. Lucas. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Ed. rev. e Atual. no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 97. Cap. 23, vers.

50-51.

BÍBLIA, N. T. João. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Ed. rev. e Atual. no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 124. Cap. 27, vers. 89-60.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura**: introdução à toponímia. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: **O município e o regime representativo no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MARTINS, Eduardo Vieira. Contornos do Sertão. In: SALES, Germana. SOUZA, Roberto Acízelo de (Orgs.). **Literatura Brasileira**: região, nação, globalização. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PALMÉRIO, Mário. **Chapadão do Bugre**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.

TOMACHEVSKI, Boris. Temática. In: **Teoria da Literatura**: formalistas russos. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.